

Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2014

O VALOR DO FUTSAL COMO UM MEIO DE DESENVOLVIMENTO DE ALUNOS COM BAIXA AUTOESTIMA E BAIXO RENDIMENTO ESCOLAR

Jucélia da Silva¹

Sergio Roberto Abrahão²

Resumo

Este trabalho discute a importância do futsal como ferramenta pedagógica para o resgate da autoestima e do rendimento escolar dos alunos no processo ensino e aprendizagem. O trabalho constitui de uma pesquisa de campo referente à importância do aluno ser incentivado a descobrir seu potencial para que possa alcançar uma aprendizagem significativa. O uso de um esporte como ferramenta motivacional e prazerosa, sendo o futsal o preferido entre alunos. No desenvolvimento do projeto percebem-se mudanças na vida dos alunos. Observa-se o valor que o futsal possui e a capacidade de modificar a vida de estudantes com baixa autoestima e baixo rendimento escolar e assim, auxiliar no desenvolvimento globalizado do indivíduo em fase de formação e proporcionar condições de crescimento na aprendizagem e na vida.

Palavras-Chave: Autoestima. Futsal. Rendimento escolar.

Abstract

This paper discusses the importance of indoor soccer as pedagogical tool to rescue the self-esteem and the school performance of the students in the teaching process of a field for the importance of a student to be encouraged to discover his potential in order that to a significant learning. The use of a sport as a motivational and enjoyable tool, being indoor soccer the favorite one among the students. During the project development, it can be realized changes in the students's lives. It is observed the value that the indoor soccer has and the ability to change the lives of the students with low self-esteem and poor school performance, and in this way, to support in the global development of the individual in a period of instruction and providing growth conditions in learning and in the students's lives.

Key words: Self-esteem. Indoor soccer. School performance.

1 Professora da Rede Pública Estadual do Paraná – e-mail: juceliajv@gmail.com.

2 Professor Doutor da UFPR, Orientador Acadêmico do PDE – e-mail: sergioabrahao@ufpr.br.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo foi produzido com o objetivo de contribuir na superação das dificuldades relacionadas à baixa autoestima e baixo rendimento escolar. Esse material didático é resultado de estudos realizados na primeira fase do Programa de Desenvolvimento Educacional-PDE e visa à superação de dificuldades relacionadas ao tema de baixa autoestima e baixo rendimento escolar. O trabalho propõe resolver uma questão difícil existente em quase todas as escolas do país, que é o baixo rendimento escolar de alunos com idade série em atraso.

Partindo desse pressuposto, esse estudo justifica-se pela importância de observar as necessidades da turma do 9º ano do ensino fundamental do Colégio Estadual do Campo Maximiano Pfeffer de Rio Negro, Paraná, a qual tem na sua maioria alunos já reprovados. Trata-se da turma com maiores dificuldades no colégio, considerando aproveitamento, comportamento, desinteresse, desatenção e baixo rendimento.

O projeto esportivo de futsal “Bom de bola, bom de escola”, usa o futsal como ferramenta motivacional e propõe suprir as falhas cometidas no amparo a essa população escolar que se encontra com necessidades especiais em meio aos aspectos de aprendizagem. As complexidades na aprendizagem passam pela estrutura do sistema de ensino, familiar e, também pela formação do próprio aluno. Muitas das interferências ocorridas na aprendizagem está na falta de apoio que o alunado encontra em casa, em alguns professores e na estrutura escolar.

Considerando todos esses fatores determinantes da aprendizagem pergunta-se: se o projeto “Bom de bola, bom de escola” que, através de atividades com o futsal e tem como foco utilizar a prática esportiva como instrumento de integração, lazer, desenvolvimento pessoal e educacional podem contribuir para o melhoramento da autoestima, concentração, atenção e determinação para a aprendizagem. Considerando que a escola deve propiciar situações para que o aluno supra suas necessidades intelectuais e, caso isso não aconteça, é de suma importância uma ação no que diz respeito à correção dessa falha através de uma intervenção apropriada.

O projeto “Bom de bola, bom de escola”, é uma proposta pedagógica que será implementada através da sequência metodológica: aplicação de questionário

de investigação aos alunos o qual irá pesquisar quais são as causas do fracasso escolar, seu esporte predileto e avaliação da autoestima. Na sequência, os alunos terão em contra turno a aplicação do projeto que acontecerá em forma de oficinas e aplicadas no período do segundo bimestre do ano letivo de 2015, na turma do 9º ano do ensino fundamental do Colégio Estadual do Campo Maximiano Pfeffer, cujo objetivo principal é melhorar o desempenho escolar.

Essa é uma pesquisa de natureza qualitativa que envolve a obtenção de dados descritivos obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. A coleta de dados deu-se por meio de um processo interativo, utilizando-se: entrevista com professores e a pedagoga da escola e questionário aplicado aos alunos.

A metodologia empregada justifica-se pela necessidade da situação real de ensino por ocasião de aulas-laboratório. Pela entrevista aplicada pretende-se saber as opiniões em relação a temas que a pesquisa coloca para iniciar a interação na técnica de análise de conteúdo, identificando e esclarecendo os aspectos internos da situação observada antes e após as aulas-laboratório. Será comparado e observado as notas do 2º e do 3º bimestre. Atitudes comportamentais, como por exemplo, menores atitudes de violência, comprometimento com atividades escolares, respeito com eles e com os professores.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Colégio Estadual do Campo Maximiano Pfeffer atende no período diurno e noturno alunos na faixa etária de 10 anos a 17 anos de idade no ensino fundamental e médio. Os alunos que frequentam a escola são oriundos das localidades de Lageado dos Vieiras, Lençol, Areia Fina, Matão do Caçador, Campina Bonita, Ovelhas e Lageado das Mortes, sendo que nos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) os alunos estudam nas Escolas Municipais Duque de Caxias e Paulino Valério. A escola recebe alunos com grande defasagem na aprendizagem, falta o domínio de conteúdos básicos, como leitura, escrita e noções matemáticas. Essa situação que traz dificuldade para a obtenção de resultados eficientes nas

turmas de sextos anos. A partir do ano de 2011 podem-se visualizar melhores índices, pois algumas atitudes demonstram mudanças na prática dos professores o que significa a possibilidade de avanços na aprendizagem.

A escola está inserida numa comunidade formada, na sua maioria, por pessoas que se dedicam a agricultura, pecuária, avicultura, fumiicultura e um pequeno número que trabalha na indústria madeireira e comércio local. Algumas pessoas trabalham no serviço público do lugar. A comunidade conta com serviços de energia elétrica, água tratada e linha telefônica. Não existe tratamento de esgoto na comunidade. O acesso à internet é possível pela aquisição de antenas captadoras de sinal, via rádio e discada. No colégio existe o laboratório de informática do Paraná Digital e do PROINFO, porém é muito difícil a manutenção dos computadores em funcionamento, o acesso à internet com turmas inteiras de alunos torna-se inviável.

A maioria das pessoas que moram na comunidade e próxima dela são descendentes de alemães, italianos e poloneses. Há também descendentes de índios, portugueses e africanos que por não conhecerem a própria cultura não promovem sua valorização. No que se refere à religião predomina o catolicismo. O nível sociocultural da população que era limitado a escola, característica própria da zona rural, vem passando por algumas mudanças devido à implantação de políticas públicas que proporcionou melhoria na qualidade de vida e mudança de mentalidade. Pessoas que conseguiram atingir outro padrão de desenvolvimento agora utilizam seu tempo com atividades diversificadas de lazer.

Pode-se verificar a existência de um antagonismo social. De um lado o agricultor forte e bem amparado socialmente e do outro lado o empregado temporário com bons salários na época da colheita ou do plantio e desempregado fora da safra. Tem-se presente a formação inicial de favela, os moradores vão se aglomerando em locais sem nenhuma infraestrutura, vivendo no descaso social desencadeando por vezes ações de violência e desrespeito a dignidade humana.

Apesar das comunidades estarem localizadas em área rural, pode-se notar o consumo crescente de drogas em algumas delas, a falta de investimentos em espaços para cultura e lazer agravam a situação. Diante disso a escola oferece atividades curriculares complementares em contra turno, com o objetivo de ampliar o tempo de permanência do aluno na escola. A atividade implantada procura desenvolver no aluno a conscientização necessária à preservação ambiental e ao

reaproveitamento de recursos recicláveis com a produção de sabão com óleo usado juntamente com a reciclagem de papel, aulas especializadas de treinamento esportivo e MC periódica tecnologia da informação/jornal escolar. Pretende-se com essas atividades poder atender mais alunos que apresentem condições precárias de convívio social.

2.1 RELAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA E A INCLUSÃO SOCIAL

Muito se discute a respeito da prática pedagógica e sua relevância na construção de uma pedagogia eficiente e transformadora. Contudo, sabe-se que nos dias de hoje muitos profissionais da docência ainda não possuem práticas com essa visão, entretanto o trabalho docente vai além de ensinar e transmitir conhecimento no espaço onde as atividades são propostas. Sendo assim Libâneo nos diz que:

O trabalho docente constitui o exercício profissional do professor e este é o seu primeiro compromisso com a sociedade. Sua responsabilidade é preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classe, na vida cultural e política. É uma atividade fundamentalmente social, porque contribui para formação cultural e científica do povo, tarefa indispensável para outras conquistas democráticas. (Libâneo, 1993, p.149).

Partindo desse pressuposto o facilitador não só precisa possuir habilidades, como necessita ficar atento a fim de compreender cada criança e adolescente na sua totalidade. Isso significa possuir uma relação estreita com cada criança e adolescente para perceber suas dificuldades ou mesmo adversidades que eventualmente possam acontecer.

Acredita-se que a relação entre o facilitador e a criança e adolescente antes de tudo deve ser aberta ao diálogo, ser também uma relação de reciprocidade. A comunicação torna-se imprescindível na relação do ser humano, pois é uma necessidade. A partir dessa compreensão importa ao facilitador ir além dos espaços em que está inserido em seu ambiente de trabalho, afim de, compreender melhor a realidade das crianças e adolescentes. O contato com a família se torna importante para criar vínculos e conhecer a sua história.

Por isso acredita-se ser extremamente importante conhecer a criança e o adolescente fora do ambiente escolar, bem como, sua família. Isso implica em envolver-se, ter competência e acima de tudo, querer que a criança efetivamente se desenvolva superando da melhor forma possível suas dificuldades.

Uma prática pedagógica de inclusão é calcada numa perspectiva de reflexão, cooperação, mediação, autoestima e um ensino promovedor de criticidade, habilidade, autonomia, e principalmente promovedora de cidadania. De acordo com Freire (1996, p. 31), “isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo avaliação do meu próprio fazer com os educandos.”

Acredita-se que o facilitador precisa refletir constantemente, pois a reflexão sobre a prática pedagógica o leva a estabelecer novos pontos de observação facilitando seu trabalho docente e possibilitando uma educação transformadora. Com o passar do tempo as práticas pedagógicas foram tomando o molde da sociedade.

2.2 ABORDAGEM PEDAGÓGICA POR FAIXA ETÁRIA

O que garante certo nível de desenvolvimento em cada profissional da educação e dos alunos é o quanto interagem com os objetos. Assim como se pode já ter conhecimento extremamente refinado, de alto grau de complexidade sobre determinado assunto está iniciando em outros. Se isso acontece com todos, o tempo todo, precisa ficar atento porque uma mesma idade não garantirá um mesmo nível de aprendizagem. E isso coloca um desafio a mais: um olhar individual, para cada um dos estudantes, para compreender em que nível está em cada conteúdo que se deseja trabalhar com eles.

Conhecendo os preceitos de Piaget, descobre-se que as idades são importantes para delimitar duas coisas: a primeira é que, realmente, um bebê não atingirá conteúdos que requeiram dele um jeito de aprender mais complexo do que pelos sentidos, e certas idades não permitem o indivíduo ir além à “maneira de pensar”, pois demandam uma vivência maior. A segunda coisa é que o motor

energético da aprendizagem é a motivação, e aí os grupos sociais e as diferenças culturais de cada grupo etário fazem muita diferença.

Normalmente trabalha-se com grupos, pequenos e grandes, de camadas socioeconômicas variadas e com bens culturais diferentes também. Mesmo assim, há coisas que, tranquilamente, valem para todos.

A criança pequena precisa de espaço para explorar através do lúdico. Ela não sente muita vergonha de se expor, não tem medo do que os outros vão pensar, por isso é possível fazer jogos, muitos jogos, que servirão como base para explorar determinado conteúdo. Os conteúdos estão embutidos nas atividades propostas, em geral ficam pouco aparentes e a brincadeira, sim, é evidente.

A capacidade de lidar com regras e gostar delas aparecerá por volta dos seis anos, antes disso, eles não se importarão muito com esses preceitos, e não conseguirão fixar muitas combinações. Se a atividade puder ser enunciada de forma clara e direta, provavelmente irá funcionar melhor. O professor, em geral, participa da atividade, demonstra, mas tenta não induzir. A criança está no auge dos processos imitativos, não há muita necessidade de ser corrigida, ela precisa descobrir por si só a maneira de fazer um exercício. Ao adolescente, em geral, já se pode oferecer desafios que o provoquem em suas capacidades de formular hipóteses, de imaginar coisas que nem sequer existam. Isso é um diferencial e tanto. O adolescente poderá chegar a pensar de maneira “hipotética”, com recursos mentais bem avançados.

Em geral, os adolescentes se sentem deslocados e preocupados quando algo foge do que é proposto pelo grupo que eles pertencem. Um fato comum é a relação que eles possuem com os esportes. Os mesmos se relacionam de forma muito positiva com o professor dessa área e esse professor precisa reforçar isso.

Essas variantes nos proporcionam a capacidade de lidarmos de maneira mais eficaz nas diversas faixas etárias. A investigação das necessidades de cada grupo e a maneira correta de aplicar uma intervenção que proporcione o suprimento dessas bem como um resultado positivo.

2.3 O QUE É FRACASSO ESCOLAR?

O fracasso escolar, como objeto de estudo, apresenta facetas multivariadas. A partir do momento que uma instituição escolar propõe intervenções que almejam a sua redução, um complexo processo de representações sobre o ensino e a aprendizagem são desencadeados.

‘Analisando historicamente o fracasso escolar nota-se que o termo sofre transformações substanciais na definição do próprio objeto de seu trabalho, na teoria que o fundamenta e no método de pesquisa que orienta a produção do seu saber’, dentro dessa análise classifica-se o fracasso escolar conforme (Angelucci et al., 2004).

O fracasso escolar pode ser entendido como problema psíquico, no qual se atribui a prejuízos emocionais e cognitivos a dificuldade por parte do aluno em se ajustar à escola ou características do ambiente escolar. Nesta perspectiva ‘o aluno é tomado como o único responsável pela sua situação e a escola é vista como um ambiente ideal, no qual o aluno encontra todas as condições favoráveis para o desenvolvimento de seu potencial’ (Angelucci et al., 2004).

Há o entendimento do fracasso escolar como um problema técnico que pressupõe o fracasso escolar seja produzido na e pela escola, entretanto, reduzido à ideia da falta de domínio da técnica correta pelo professor. Dessa forma desloca-se a causa do problema para outro conceito amplamente pesquisado na Educação, a formação docente. ‘Não apenas o professor possui a culpabilidade nesta perspectiva, mas se estende também às autoridades que não proporcionaram a formação técnica adequada’ (Angelucci et al., 2004). O fracasso escolar pode ser entendido como questão institucional, que pressupõe a presença desse fracasso desde o início da instituição da rede de ensino público no Brasil. Nesta concepção, o entendimento do fracasso escolar se faz a partir da análise dos processos sociais que orientados por uma lógica econômica capitalista, atravessam o cotidiano escolar e reproduzem nesse contexto o modelo das relações sociais. Há nesta perspectiva uma ‘crítica às políticas educacionais descompromissadas com a democratização do ensino e às instituições que excluem do ato educativo a participação de atores de outros setores sociais, como a comunidade local, os movimentos sociais e a família’ (Angelucci et al., 2004). Por fim, há o entendimento do fracasso escolar como

questão política, que parte do princípio de que o próprio fracasso da escola pode ser uma maneira equivocada de rotular e problematizar um processo legítimo de reivindicação da transformação da estrutura educacional. Desse modo há 'uma ampliação nas relações causais que determinam a presença do fracasso escolar, não cabendo apenas à participação popular no processo educativo, mas a abertura da cultura dominante escolar para a cultura popular' (Angelucci et al., 2004). Segundo a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) 'o fracasso escolar se manifesta de três formas diferentes: aqueles que durante a escolarização não alcançam um nível mínimo de conhecimento; no final da mesma, alunos que abandonam ou terminam a educação sem o título correspondente; ou posteriormente, profissionais que não alcançaram a preparação adequada'.

De acordo com Marchesi (2004, p.24), "há uma relação entre o nível socioeconômico e o rendimento em conjunto com o contexto familiar e educacional, embora o contexto econômico e social nem sempre sejam determinantes". Para o autor "a maior renda per capita é apenas uma condição importante, mas não suficiente para conseguir melhores níveis educacionais". Ainda defende, que o capital escolar dos pais, dependendo da forma como é transmitido, pode influenciar positivamente o progresso educacional dos filhos, da mesma forma que as expectativas dos pais também influenciam o rendimento dos alunos.

O sistema educacional também exerce papel importante: a sensibilidade diante das dificuldades de aprendizagem, os recursos existentes, a preparação e motivação dos professores, a flexibilidade do currículo, a atenção dada aos alunos com maior risco de fracasso, novos programas para facilitar aprendizagem, todos são fatores que podem ser determinantes do fracasso escolar.

A repetência e suas consequências nos resultados de pesquisas apontam que a promoção é geralmente preferível à repetição. Não se trata de classificar a progressão automática como uma estratégia satisfatória à resolução do estado de dificuldade escolar, mas sinaliza aos educadores que a repetência não traz nenhuma contribuição para o modo de lidar com as dificuldades de aprendizagem daqueles alunos considerados fracos. Para a sociedade e a comunidade educacional a repetência é vista como um fenômeno típico do processo educacional, um problema de origem externa à escola e carente de soluções dentro da própria instituição. Mas 'a repetência na maioria das vezes é consequência da baixa qualidade educacional' (Torres, 2003).

A repetência acontece em maior número na África Subsaariana, no Caribe e na América Latina, sendo motivo de grande preocupação para a maioria dos países onde isso ocorre em maior número, como o Brasil, que ocupa o 2º lugar no número de repetentes: cinco milhões. Está concentrada nas primeiras séries e vinculada a problemas com a educação infantil, sobretudo com problemas com a linguagem escrita. 'Os critérios de qualificação e de aprovação são muitas vezes arbitrários, arcaicos e ridículos, levando em consideração questões como a maturidade escolar, assistência às aulas, disciplina e até mesmo higiene e aparência pessoal' (Torres, 2003).

Não podemos assimilar a repetência de forma geral a uma causa, pois suas causas são relativas. Pode ser atribuída à falta de assiduidade dos alunos; à ênfase excessiva dada às provas; instalações, recursos, e pessoal inadequado; ingresso de alunos com idade inferior ou superior à exigida; insegurança e problemas do meio; falta de conhecimento prévio; valores e práticas culturais negativas; falta de apoio e assistência.

2.4 AUTOESTIMA E SUA LIGAÇÃO COM O DESEMPENHO ESCOLAR

Neste estudo, procura-se analisar as relações existentes entre o estatuto escolar e o autoconceito, autoestima e orientações motivacionais de alunos. A esse propósito Covington e Omelich (1991) 'propuseram um modelo de motivação para a realização, no qual descrevem diferentes grupos comportamentais baseados em duas dimensões ortogonais: aproximação (orientação para o sucesso – tentar superar os outros, mostrando o seu valor pessoal) e evitamento (medo do fracasso – evitar, acima de tudo, a existência de percepções de incompetência)'. Essas duas dimensões ortogonais produzem quatro possíveis orientações para a realização: orientação para o sucesso; orientação overstriver, aceitação do fracasso e evitamento do mesmo.

Os estudantes com orientação para o sucesso podem ser caracterizados como alunos que revelam um elevado comportamento de aproximação e um baixo comportamento de evitamento. A aproximação desses alunos a cada nova tarefa de realização faz-se com confiança e expectativas positivas face aos resultados da

mesma. Os alunos com orientação overstriver (alunos que lutam pelo sucesso e com medo do fracasso) partilham uma elevada esperança de sucesso, como os alunos orientados para o sucesso, embora se encontrem em conflito causado pelo elevado medo do fracasso. O terceiro grupo de alunos (aceitação do fracasso) apresenta um baixo comportamento de aproximação e de evitamento. Esses alunos tendem a reagir com passividade e/ou indiferença às situações de realização, dado a internalização da convicção da sua incapacidade face ao sucesso. Por fim, os grupos constituídos por alunos com evitamento para o fracasso, são motivados pelo desejo de evitar o fracasso. Contrariamente aos overstrivers, os educandos possuem uma baixa expectativa de sucesso, sendo o seu desempenho em situações de realização inconsistente. Como consequência, apresentam fraca realização, particularmente em situações em que já possuem um baixo autoconceito e a autoestima já se encontra ameaçada.

As estratégias de proteção da autoestima desencadeiam quando esta se encontra ameaçada. Sendo a procura de manutenção de uma autoestima positiva, uma característica importante do ser humano, sendo natural que a ameaça representada por um autoconceito acadêmico baixo possa acionar mecanismos de proteção da autoestima, de modo a que esta se mantenha em níveis aceitáveis perante o insucesso acadêmico. No entanto, a ameaça para a autoestima só se verifica, se o domínio acadêmico for valorizado pelo sujeito.

Na investigação acerca deste fenómeno podemos encontrar duas explicações distintas. A primeira advém do modelo de Robinson (1986) e Tayler (1991), baseado na Teoria da Identidade Social, considera 'os alunos ao longo do seu percurso académico experimentam sucessivos insucessos, juntamente com expectativas contínuas de insucesso', poderão desenvolver comportamentos de desinteresse e de desinvestimento escolar, e concomitantemente, apresentar uma atitude de desvalorização do trabalho escolar, que se caracteriza pela organização dos alunos em torno de uma cultura anti-institucional, em que se valoriza o ser mau na escola. Desse modo, a manutenção de valores aceitáveis da autoestima para esses alunos torna-se insustentável, a menos que rejeitem o seu estatuto escolar (alunos de insucesso escolar) e se tornem socialmente criativos, isto é, que procedam a uma inversão de valores da cultura escolar apoiados no grupo de pares.

A segunda, não envolve a dimensão socioconflitual do quadro teórico anterior, preconizada por Harter (1998), que considera 'a proteção da autoestima é

conseguida através de uma reorganização do autoconceito, em que o indivíduo desinveste nas dimensões que representam uma potencial ameaça para a autoestima, investindo noutras potencialmente mais gratificantes'. Assim, os alunos com fracos resultados escolares encontram-se mais aptos a proteger a sua autoestima através da redução dos seus investimentos na dimensão académica e a investir em dimensões não académicas, que lhe permitam obter melhor desempenho, tal como nas relações interpessoais ou no desporto.

2.5 FUTSAL: CARACTERÍSTICAS E REGRAS

O futebol, na sua concepção mais ampla de esporte de bola que se joga com os pés, é o esporte mais popular do mundo e sua prática não necessita de tantos aparatos, precisa-se apenas de sujeitos com vontade, uma bola e um pequeno espaço que pode ser uma garagem, uma rua ou um terreno baldio. Apesar de ser um esporte que exige muito da técnica, a habilidade não é algo primordial para um jogo entre amigos. Porém, sua prática habitual estimula por si mesma qualidades para que o indivíduo seja ao menos um bom jogador de futebol nas horas de lazer. Acredita-se que o futsal, nos termos aqui editados, adquira as mesmas características.

A prática do futsal possui algumas características particulares, que devem ser consideradas para a sua adaptação nas escolas. As regras que permeiam sua prática fazem dele uma atração diferenciada em relação aos demais esportes de quadra, como por exemplo: a função do goleiro, que se constitui numa atração à parte, uma vez que ele pode atuar na linha; a cobrança do lateral que ocorre com o pé; o tiro de meta, em que a bola pode ser lançada diretamente para a quadra adversária; a falta coletiva, que a partir da quinta deve ser cobrada sem barreira, numa distância de dez metros; a expulsão de um jogador, que acarreta sua saída por dois minutos podendo, nesse período, definir-se o jogo com um jogador a menos para a equipe que teve seu atleta desqualificado, ou, até sofrer um gol, e/ou outras várias possibilidades.

A evolução das regras na década de 60, em todo o país, ocasionou uma unificação das variedades existentes. Entre as mudanças, o jogo adotou quatro

jogadores atuando na linha e mais o goleiro. Não valia gol de dentro da área, e o lateral era cobrado com as mãos. As equipes passaram a ter uma formação com as seguintes posições: o goleiro que tem a função de defender sua meta; o fixo (beque) que tem como característica uma técnica forte, marcação; dois alas (esquerdo e direito) que têm a função principal de armação de jogadas numa partida; e, por último, o pivô, que é chamado de atacante e possui uma característica 5 de grande finalizador. A partir de 1990 sofre alterações radicais na sua prática: a bola tornou-se mais leve (500 g, para 390/430 g) e maior (50 cm para 55/59 cm), o lateral passou a ser cobrado com os pés, o gol é válido de dentro da área, o goleiro atua diretamente fora da área como jogador de linha, valendo inclusive seu gol. Essas transformações persistem até os dias atuais.

O tempo de duração dos jogos na categoria principal é de 20 min por 20 min., cronometrados, apresentando uma especificidade de trabalho anaeróbico em seus passes, dribles, chutes, arremessos, cabeceios, considerados movimentos anaeróbicos a lácticos. O futsal é encarado como um jogo de confronto onde ocorrem ações de ataque e defesa, distribuídos em sistemas e manobras; sistemas esses representados pela distribuição dos jogadores na quadra e realização de jogadas ensaiadas como uma das formas de manobras (Mutti, 2003), a prática esportiva necessita de meios científicos e seguros para o seu perfeito desenvolvimento, bastante vulnerável a influências dos outros.

Portanto, quando ingressa na iniciação ao esporte, acha-se bruscamente confrontada com uma situação nova, à qual terá de se adaptar rapidamente. Seus hábitos e suas atitudes passam por transformações rigorosas quando submetidos às aprendizagens que demandam o treinamento que muitas vezes não levam em conta as possibilidades reais, além de sujeitarem-se às exigências do desempenho exacerbado.

Durante o processo de adaptação da criança faz-se necessário que o professor crie uma atmosfera favorável de integração entre ele e as próprias crianças. Nesse estágio é possível que o educador seja o primeiro adulto fora da família a desempenhar um papel central na vida da criança, tendo uma influência significativa sobre o desenvolvimento através dos anos de treinamento. Os tipos de professores pelos quais a criança passa determinará a experiência esportiva, facilitando sua melhora, ou simplesmente aumentará suas dificuldades e frustrações.

O respeito e o entendimento são importantes, pois auxiliarão a vencer desvantagens utilizando ao máximo seus talentos e interesses. Esse é o principal papel do professor, estruturando o aprendizado em função das mudanças ocorridas durante todo o processo de desenvolvimento do ser humano como jogador de futsal. O sucesso do aprendizado depende igualmente de uma educação física de base generalizada, adequada, com efeitos benéficos, conduzindo-o a uma iniciação esportiva eficiente, orientado sempre por professores conscientes de suas atuações.

As atividades de base são fundamentais nas faixas etárias inferiores. Grandes resultados somente serão possíveis se forem respeitadas as etapas naturais do desenvolvimento da criança e adolescente, principalmente a idade biológica. Acelerar esses processos para conseguir rendimentos específicos mais altos em curto prazo poderá provocar maiores limitações nos níveis de rendimento futuro da pessoa. A iniciação do futsal em nosso país começa muito cedo, pois é uma questão cultural. A criança com cinco ou seis anos de idade já está envolvida em competições.

2.6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Após aplicação do projeto, os resultados apresentam-se em gráficos que estão anexos com o objetivo de melhor visualização, além da exposição descritiva. Esclarecimento do tema e objetivo do projeto, quantidade de horas destinadas à aplicação do mesmo.

Inicialmente houve a aplicação do questionário investigativo no qual se apresentam os dados contendo as características do grupo, tais como relação com a família e escola, por que do desânimo em assumir atividades escolares, o que significa estudo para eles. Na primeira aula de laboratório, foi feito pelo grupo um relato em poucas linhas sobre seu cotidiano.

Nessa fase, chamou a atenção um fato, que mais da metade dos alunos presentes nessa oficina mora com padrasto, sem presença do pai. Segundo Heloisa Guimarães, psicóloga formada pela Universidade Metodista, “a ausência do relacionamento paterno, seja por divórcio, separação, excesso de trabalho, descaso, afeta drasticamente a vida dos filhos. As estatísticas mostram que o número de

jovens que cometem delitos é maior entre os que foram criados longe do pai.” Os problemas que eles apresentam são: sentimento de rejeição, indisciplina, abandonam os estudos, sofrem mais abuso infantil, gravidez precoce, envolvimento com drogas, prostituição, problemas com as autoridades, participação em gangues de rua, violência, cometem crimes, homossexualismo, suicídios, marginalização, emprego precário, pobreza, recorrem mais ao seguro desemprego.

Muitos desses são identificados ao longo dos anos trabalhados, por exemplo, quando todos saem para a aula de educação física os alunos mesmos chaveiam a porta, pois nessa turma os roubos são constantes. Entram aí os problemas com autoridade, violência, crimes, pobreza.

A próxima atividade foi relatarmos suas qualidades e defeitos na dinâmica “Eu tiro meu chapéu para”, faço novamente o comparativo com a citação acima: eles possuem um grande sentimento de rejeição consigo, pois não conseguiam olhar no espelho e achar alguma qualidade, isso mostra sua baixa autoestima. Após essa atividade foi feito um concurso de desenho com o tema do projeto “Bom de bola, bom de escola”. Os vencedores foram: o aluno mais aplicado da turma que por sinal o único que entregou na data prevista, os demais entregaram depois, há dois alunos com muita dificuldade. Observa-se que isso já deu uma grande felicidade para esses alunos. Depois foram para a quadra todos empolgados, o momento mais esperado da tarde. Após um divertido aquecimento e alongamento. Aplicou-se um jogo de futsal com a turma, pois ‘as atividades físico-desportivas “futsal” entendidas como atividades naturais de movimento, jogo e confraternização são elementos básicos para a educação das pessoas e possuem funções altamente pedagógicas que podem incidir no desenvolvimento equilibrado e harmônico do ser humano’. (BASEGGIO, 2011, p.10 apud VARGAS NETO, 1995).

Percebe-se o grande prazer entre os alunos, porém, também observa-se a violência em algumas jogadas, a falta de educação se revela através dos palavrões que todos falam, e esse vocabulário é normal entre o grupo. Nesse momento houve intervenção por parte da professora. Após essa atividade, teve-se uma pausa cuja conversa foi sobre valores e realizaram outras duas atividades.

Oficina 1:

Atividade 1: “Meus valores”.

O que queremos?

Objetivos geral: Despertar para a valorização de si.

Objetivos específicos:

- Encontrar-se consigo e com seus valores;
- Reconhecer seus próprios valores e os valores dos outros;
- Promover a autoestima dos alunos;
- Estimular o desenvolvimento afetivo dos alunos.

Como fazer?

Cada participante recebe um cartão com um determinado valor (de preferência, um valor que ele possa ter); por exemplo: otimismo, alegria, esperança, solidariedade, justiça, gratuidade, partilha, sinceridade, honestidade, etc. Alguns instantes para reflexão pessoal. Tiveram que primeiro passar o conceito de valores. Essa atividade mostrou mais uma vez carência de informação, a falta da família e a pobreza cultural.

Atividade 2: Selfie.

Desenvolvida de uma forma muito legal, eles brincaram e tiraram muitas fotos, apesar de somente 2 alunos terem celulares. Mostra nesse momento o baixo poder aquisitivo da turma. Após essas atividades, fizeram mais uma partida de futsal só que dessa vez em dupla. E encerrou-se a tarde com uma reflexão sobre caráter.

A professora enfatiza que todas as atividades que foram feitas para refletir sobre a vida e a família o grupo ria e se distraía muito com outras coisas, se “cutucando”, puxavam a cadeira um dos outros. Interpretou-se essa atitude com uma forma de proteção.

Oficina 2:

Objetivo geral: Promover a interação entre os participantes e desenvolver a cooperação e o espírito de equipe e motivação para execução das oficinas.

Objetivos específicos:

- Praticar o jogo de futsal como uma atividade prazerosa;
- Promover um momento de quebra de paradigma sobre o contato pessoal entre meninos e meninas, avaliar os alunos na situação de jogo do esporte futsal;
- Desenvolver espírito de cooperação e colaboração entre os participantes;
- Estimular relacionamento interpessoal.

A atividade proposta foi a dança das cadeiras, não foi feita, pois os alunos se recusaram e queriam jogar futsal. Passaram então para o futsal. Fizeram vários exercícios de fundamento sobre o esporte, domínio de bola, habilidades básicas, manipulação de bola, passe, recepção, drible, sistemas de ataque e defesa comuns aos esportes coletivos início ao futsal, habilidades específicas (domínio, controle e condução de bola) Sistemas ofensivos (situações 1X1, 2X1). Após muito jogo foram ao laboratório de informática, pesquisar métodos de ensino. Percebe-se que o grupo não estudava mesmo como citado no questionário, pois ficaram admirados com o que aprenderam.

Oficina 3: Campeonato de futsal intersalas.

Objetivo geral: Valorização do grupo frente às outras turmas.

Objetivos específicos:

- Incorporar atitudes de respeito;
- Modificar comportamentos por meio da disputa do jogo;
- Promover momentos de valorização da turma;
- Aumentar o sentimento de pertença à escola;
- Diversificar a forma dos alunos agirem diante da escola e procurar valorizar e incorporar esse tipo de atitude.

Material: bola de futsal e quadra desportiva.

O trabalho dessa oficina na fase final do projeto é muito importante na medida em que possibilita aos alunos uma ampliação da visão do que foi absorvido durante a aplicação do projeto, e assim, viabiliza a autonomia para o desenvolvimento de uma prática pessoal e a capacidade para interferir na comunidade, seja na manutenção ou na construção de um cidadão mais crítico e feliz. O projeto “Bom de bola, bom de escola” assume um papel importante no que diz respeito à aquisição do hábito da prática esportiva dos alunos. O projeto realmente investiu em educação reconhecendo na prática do futsal e atividades que desenvolvem a autoestima um meio rápido de interação da criança com o meio em que vive, oferecendo momentos de convívio social, que visam democratizar, humanizar e diversificar a forma dos alunos agirem diante da escola e procuram valorizar e incorporar esse tipo de atitude. Os alunos nessa atividade competiram com o primeiro ano do ensino médio. Foi uma competição bem bacana, as meninas perderam e os meninos venceram, percebeu-se que houve uma grande valorização dos meninos. Foi uma tarde muito

proveitosa, embora houvessem intervenções feitas pela professora em relação a palavras e poucas atitudes grosserias que geraram durante os jogos.

Considera-se que o tema escolhido um tanto quanto ousado e ao mesmo tempo desafiador. Ousado por confrontar pessoas e tentar mudar sua cultura o que para muitos professores é uma ideologia. Desafiador pelo fato de defender um esporte como o futsal muitas vezes banalizado e transformá-lo em uma metodologia que supere o fazer pelo fazer e vá de encontro ao saber fazer, enquanto trata-se de um conteúdo comumente tradicional, utilizou-se ele como uma ferramenta para modificar comportamentos e atitudes, ou seja, indivíduos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi contextualizado, é importante ressaltar o compromisso educacional com essa turma que vem desde o início do ensino fundamental, pois foram várias as tentativas de ajudar a maioria sem sucesso. Motivo pelo qual se aceitou o desafio de tentar motivá-los usando o futsal como ferramenta, sendo que é o esporte predileto entre a maioria, o que acabou resultando no tema do projeto PDE, cujo princípio é a aplicação de oficinas com título “Bom de bola, bom de escola”. Observou-se a dificuldade da turma em rendimento escolar e mesmo em aspectos negativos com relação a atitudes no ambiente escolar, foi proposto então um questionário de investigação que analisa a situação dos alunos antes e depois da aplicação do projeto e a realização de oficinas com exercícios pedagógicos de futsal, jogo e atividades que trabalharam autoestima.

Após aplicação do questionário, verificou-se que existe uma grande aceitação dos alunos pelo ambiente escolar, porém, não gostam de estudar, pois todos com exceção de um aluno, afirmam que não estudam, nem na escola nem em casa. Observou-se que a maioria da turma sente pouca admiração pela família, por isso preferem a escola. Diante disso há uma ressalva quanto ao descaso familiar com os alunos, exemplo a participação dos pais em reunião escolar com pauta sobre a formatura, não compareceu nenhum pai. Resumindo, os 15 alunos ficaram sem representação.

O presente trabalho buscou também problematizar a importância da autoestima do aluno no processo ensino-aprendizagem. Pode-se perceber o grande problema de autoestima nessa turma. No início da oficina, foi proposta uma atividade, a qual eles deveriam olhar em um espelho e falar sobre suas qualidades, porém muitos não conseguiam se olhar, enfatizaram-se somente aspectos negativos, o que resulta em consequências negativas da baixa autoestima desses sujeitos como: desinteresse por sua aparência e suas qualidades, falta de vontade de conhecer lugar e principalmente falta de sonhar. Para eles “TANTO FAZ”. Diante de muitos problemas, ainda pode-se citar a desmotivação de professores, com relação a turma, inclusive o da aplicadora desse projeto que por algumas vezes pensou em desistir do trabalho. Nesse sentido, sabe-se enquanto educadores que muitos resultados são vistos a longo prazo, os mesmos bem ou mal sucedidos na sociedade. Deve-se focar num aspecto positivo, antes de iniciar o projeto a maioria dos alunos não queria cursar o ensino médio, hoje, após a efetivação das atividades, todos querem continuar o seu ensino médio.

Ouve em seu comportamento, segundo comentários do grupo de professores que trabalham com essa turma, uma pequena melhora. Ainda como mostra no anexo 2, gráfico que interpreta o rendimento escolar, após comparar as notas do 1º, 2º e 3º bimestre teve sim algum desenvolvimento positivo pequeno no desenvolvimento escolar dos alunos.

Enfim, é tarefa de todos os envolvidos cumprirem com excelência seu papel no processo educativo. Com essas ações será possível promover um ambiente escolar mais saudável, que atinge positivamente outras gerações contribuindo para o bem da sociedade. A educação pede uma nova forma de abordagem, que seja capaz de dar condições aos sujeitos de enfrentarem as mudanças e desafios inerentes ao processo de evolução.

REFERÊNCIAS

ANGELUCCI, Carla Biancha et al. O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 1, p.51-72, 27 abr. 2004.

BELLO, José Luiz de Paiva. *História da educação no Brasil*.1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. *Inclusão revista da Educação Especial*. V. 04, n. 1, Brasília: jan./jun., 2008.

Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>>.

Acesso em: 10 de julho de 2014.

COVINGTON, Mv; OMELICH, Cl. Effort: the double-edged sword in school achievement. *J. Educ. Psychol*, [s. L.], v. 71, n., p.169-182, 1991.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da eutonomia: Saberes necessários à pratica educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.31P

HARTER, S. P.. *Psychological relevance and information science*. Nova Work: John Wiley & Sons, 1998.

Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/%28SICI%291097-4571%28199210%2943:9%3C602::AID-ASI3%3E3.0.CO;2-Q/references>>.

Acesso em:10 de julho de 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 11. ed. São Paulo: Loyola, 1993. 149 p.

_____. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1992. 253 p.

MANTOAN apud DRAGO, R. *Inclusão na Educação Infantil*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

MUTTI, Daniel. *FUTSAL: Da Iniciação ao Alto Nível*. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2003.

TOLEDO, Renata Ferraz de; JACOBI, Pedro Roberto. Pesquisa-ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 34, n. 122, p.156-173, mar. 2013.

TORRES, David; LONGO, Moacir. *Reformas para desenvolver o brasil Tributária - Previdenciária - Política - Sindical - Trabalhista: O DESEMPREGO NO BRASIL E NO MUNDO*. 2003.

Disponível em: <<http://www.library.com.br/Reforma/Pg021Desemprego.htm>>.

Acesso em: 10 de julho de 2014

ANEXOS

ANEXO I - QUESTIONÁRIO

Obrigada por participar do questionário.

- 1) Sexo: () masculino () feminino
- 2) Idade:
- 3) Você gosta de pertencer a esta escola?
a) () sim () não
- 4) Já repetiu de ano? Se sua resposta for sim, quantas vezes?
a) () sim () 1x () 2x () 3x () 4x
b) () não
- 5) Você vem para a escola com qual objetivo?
a) () estudar
b) () encontrar amigos
c) () passear
d) () sair de casa, pois se ficar em casa tenho que trabalhar
- 6) Qual parte da escola você mais gosta?
a) () biblioteca
b) () refeitório
c) () sala de aula
d) () quadra de esporte
- 7) O que você acha que atrapalha seu desempenho escolar?
a) () não tenho tempo de estudar em casa
b) () os professores não explicam bem
c) () tenho preguiça e isso não me interessa
d) () não gosto desta escola
- 8) Sua casa tem computador com internet?
a) () sim () não
- 9) Você gosta do bairro onde mora?
a) () sim () não
- 10) Você se sente um adolescente feliz?
a) () sim () não
- 11) Qual seu esporte predileto?
a) () futsal

- b) () voleibol
- c) () basquetebol
- d) () handebol

12) Desses abaixo, o que você mais gosta?

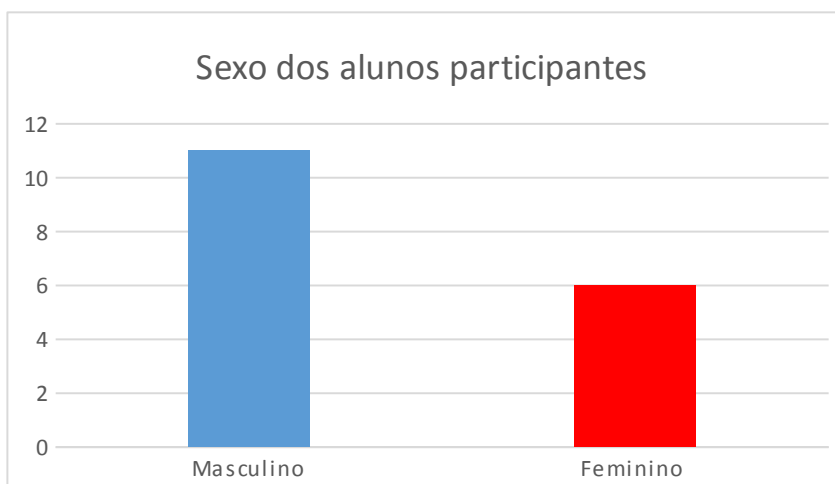
Enumere suas respostas segundo suas preferências: 1 o que mais gosta, 5 o que menos gosta.

- a) () jogar futsal
- b) () jogar na internet ou videogame
- c) () gosto de estudar
- d) () gosto de ir para baladas e namorar
- e) () gosto de ler

ANEXO II – MOSTRA DAS RESPOSTAS

Alunos: 17

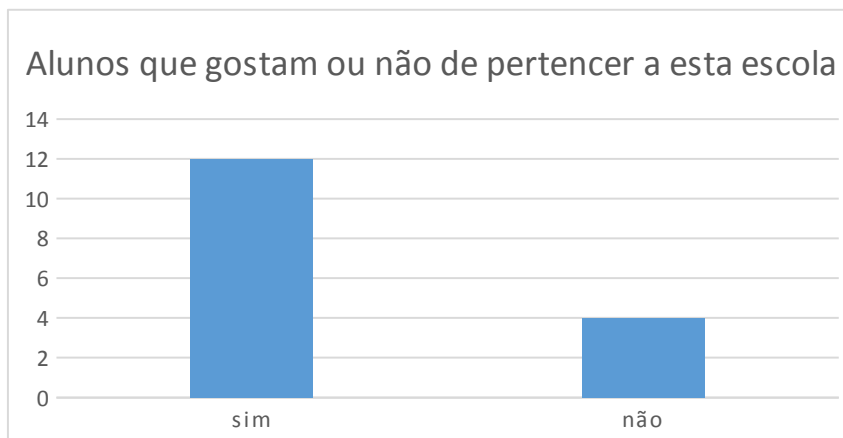
1) Sexo



2) Idade:



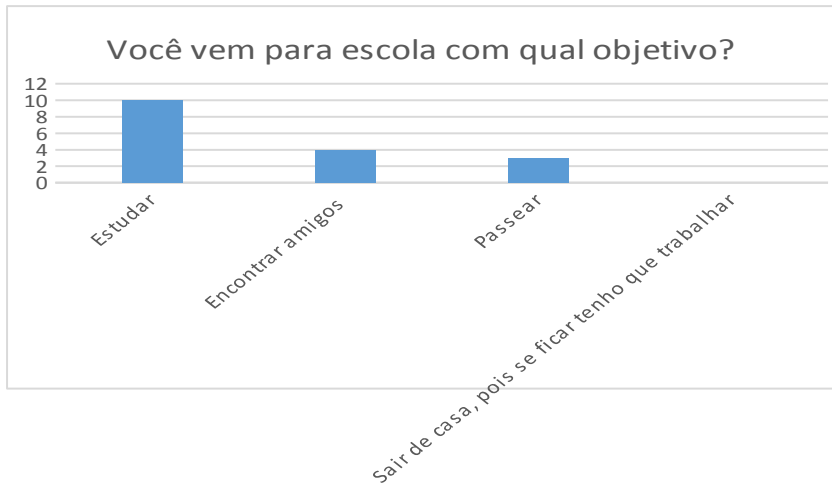
3) Você gosta de pertencer a esta escola?



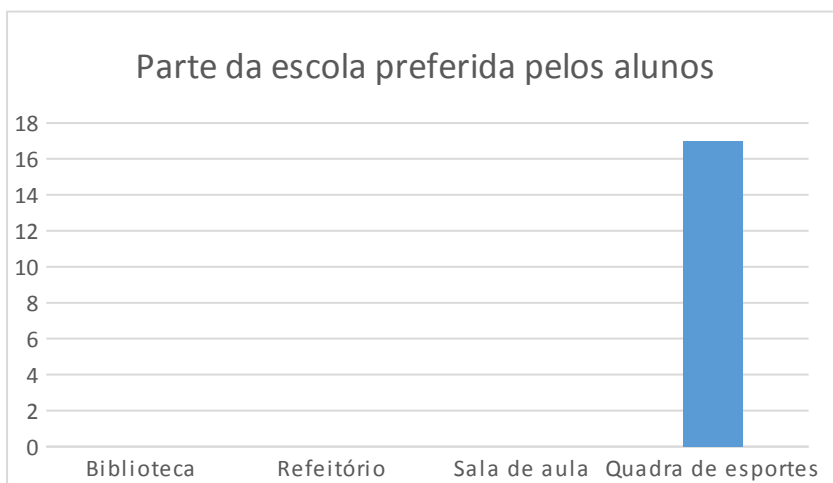
4) Já repetiu de ano? Se sua resposta for sim, quantas vezes?



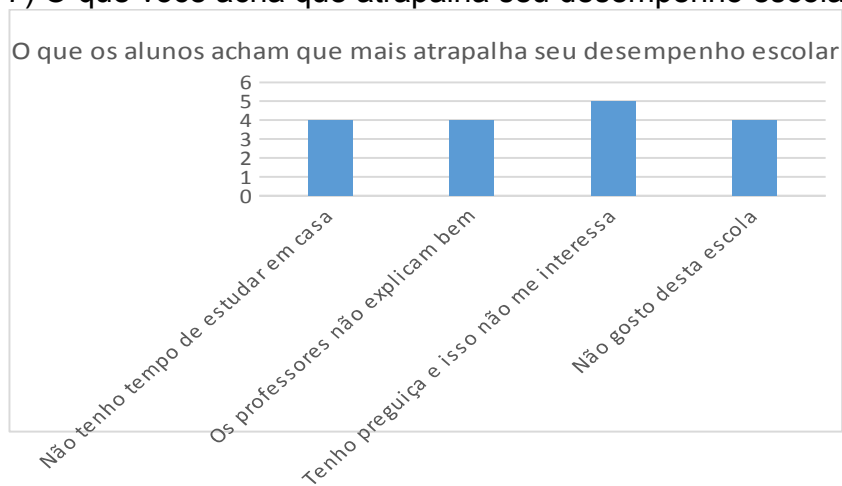
5) Você vem para a escola com qual objetivo?



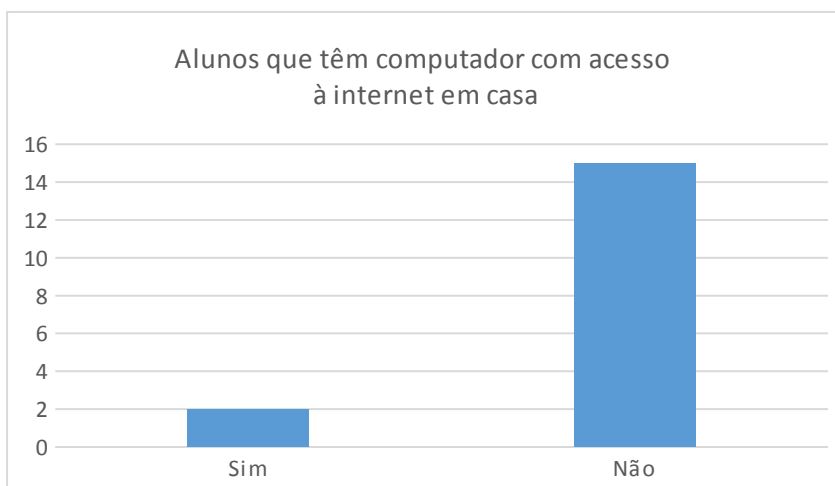
6) Qual parte da escola você mais gosta?



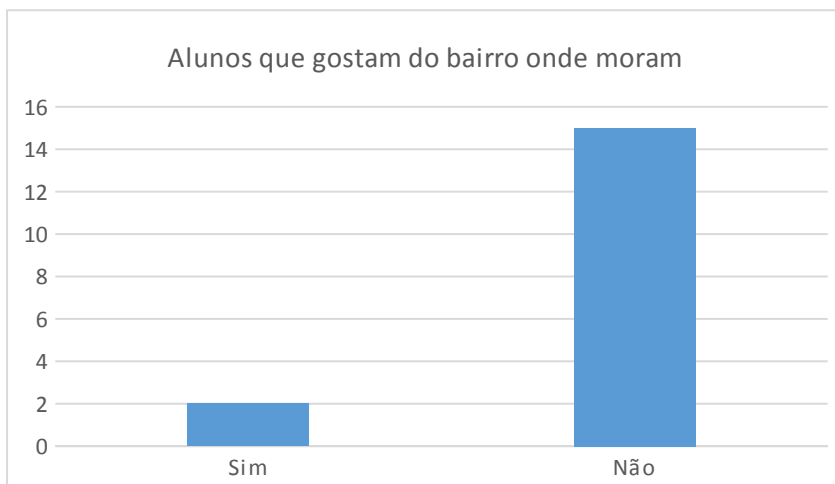
7) O que você acha que atrapalha seu desempenho escolar?



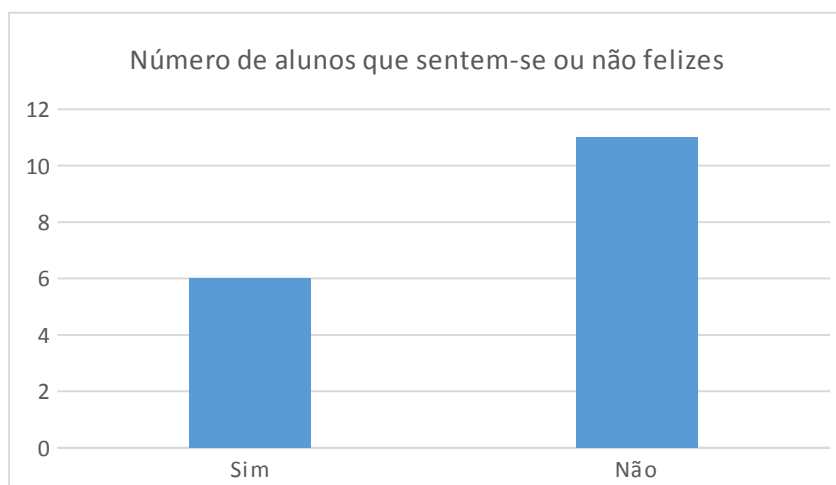
8) Sua casa tem computador com internet?



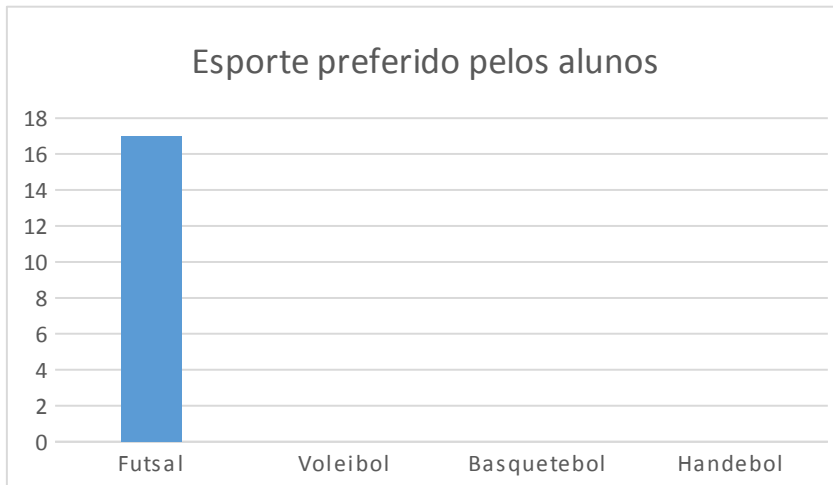
9) Você gosta do bairro onde mora?



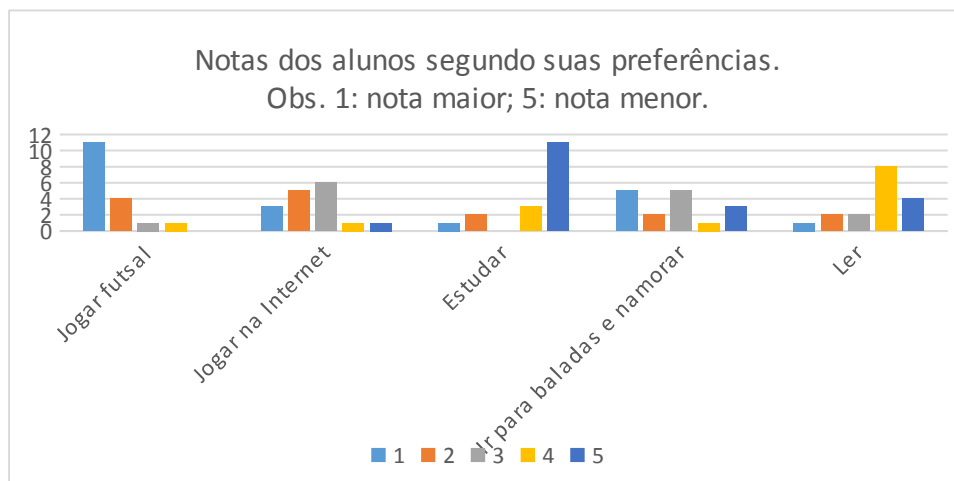
10) Você é um adolescente feliz?



11) Qual seu esporte predileto?



12) Dê nota de 1 a 5 de acordo com suas preferências.



Rendimiento Escolar

